

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Caroline Camargo Borba

**PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO COMITÊ PARA
DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA – CDI
EM ALVORADA/ RS: estudo avaliativo**

Porto Alegre
2004

Caroline Camargo Borba

**PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO COMITÊ PARA
DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA – CDI
EM ALVORADA/ RS: estudo avaliativo**

Trabalho elaborado como requisito
para aprovação na disciplina
BIB03037, Trabalho de Conclusão de
Curso, do Departamento de Ciências
da Informação, da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação,
da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

***Orientadora:* Prof^a Dra. Ida Regina C. Stumpf**

Porto Alegre

2004

Caroline C. Borba

**PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO COMITÊ PARA
DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA – CDI
EM ALVORADA/ RS: estudo avaliativo**

Banca examinadora:

Profª Dra. Ida Regina Stumpf

Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Profª Dra. Sônia Caregnato

Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Esp. Marta Voelcker

Fundação Pensamento Digital – CDI/RS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que me ensinaram que a única coisa que levamos deste mundo é o conhecimento. Isso ninguém me tira!

Dedico também ao meu avô Adelino Ferreira Borba, que, tendo deixado este mundo durante a execução deste estudo, deixou também todo um trabalho e exemplo de dedicação e solidariedade, o que certamente contribuiu para que o tema deste trabalho fosse este.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma especial toda a dedicação prestada pela minha orientadora Prof^{fa} Dra. Ida Regina Stumpf, que soube com muita paciência me conduzir durante a execução deste trabalho.

Igualmente, agradeço a atenção das instituições que abriram suas portas e autorizaram o uso de sua imagem para a realização deste estudo, a Fundação Pensamento Digital e Sociedade Espírita Simão Pedro.

Também agradeço a todos aqueles que me incentivaram cada vez que eu me lamentava achando que poderia não conseguir: meus irmãos, amigos e namorado. Vocês são especiais!

*“As tecnologias da informação,
junto com a habilidade para usá-las e adaptá-las,
são o fator crítico para gerar e possibilitar acesso à riqueza,
poder e conhecimento no nosso tempo”.*

Manuel Castells

RESUMO

Este trabalho caracteriza-se como um estudo avaliativo de um projeto de inclusão digital do Comitê para Democratização da Informática (CDI) em Alvorada, RS, na Sociedade Espírita Simão Pedro. Trata-se de um estudo qualitativo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem como objetivo verificar se os objetivos traçados pelas instituições responsáveis pelo projeto das Escolas de Informática e Cidadania (EIC) foram alcançados e que mudanças trouxeram à comunidade atendida. Foram realizadas entrevistas com educadores e ex-educadores que atuaram nesta EIC, bem como com a superintendente da Fundação que abriga o projeto. Foram também aplicados questionários com ex-alunos desta Escola de Informática e Cidadania, neste caso a Sociedade Espírita Simão Pedro, localizada em Alvorada. As informações coletadas foram interpretadas e apresentadas de forma descritiva, a fim de corresponder aos objetivos propostos. Verificou-se que a Escola de Informática e Cidadania é bastante importante na capacitação das pessoas da comunidade, principalmente no caso dos jovens estudados, que foram os que mais se beneficiaram deste contato com a informática. O que falta ainda é a ampliação do acesso a computadores após a realização dos cursos. Como se pode observar, principalmente entre os ex-alunos de mais idade, que realizaram o curso por curiosidade ou para sentirem-se mais *atualizados*, não possuindo o acesso a computadores, nada ou quase nada mudou em suas vidas.

Palavras-chave: Inclusão digital. Informática e cidadania. Inclusão social. Acesso à informação.

ABSTRACT

This work features an evaluative study of a project for digital inclusion of the Comitê para Democratização da Informática (CDI) – Committee for INFORMÁTICA Democratization – in Alvorada, RS, at the Spiritist Society Simão Pedro. It's about a qualitative study presented as a paper for the conclusion of the Library Science course, of the Universidade Federal do Rio Grande do Sul. His objective is verify if the objectives sketched by the institutions responsible by the Escolas de Informática e Cidadania project (EIC) were reached and what changes they brought to the served community. Interviews were made with educators and ex-educators that acted on that EIC, as well as the superintendent of the Foundation that holds the project. Also questionnaires were applied with ex-students of this School of Informatics and Citizenship, on this case the Spiritist Society Simão Pedro, located in Alvorada. The information collected were interpreted and presented on a descriptive form, in order to correspond to the proposed objectives. It was verified that the School of Informatics and Citizenship is very important on the capability of the community people, specially the young people interviewed, those that were most benefited after the contact with informatics. What still is a lack is the amplification of the access to computers after the realization of the course. As we can observe, specially the older ex-students, that realized the course just for curiosity, or to feel updated, and do not have access to computers, had nothing or almost nothing changed on their lives.

Keywords: Digital inclusion. Informatics and citizenship. Social inclusion. Access to information.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	10
1.2 Definição do problema de estudo	11
1.3 Contexto do estudo	12
1.3.1 O CDI nacional	12
1.3.2 A Fundação Pensamento Digital	14
1.3.3 As Escolas de Informática e Cidadania	15
1.3.4 A Sociedade Espírita Simão Pedro	16
1.4 Objetivos	17
1.5 Definição dos termos	18
2 REVISÃO DA LITERATURA	21
2.1 Sociedade da Informação	21
2.2 Inclusão Digital	25
2.3 Cidadania	27
3 METODOLOGIA	30
3.1 Tipo de estudo	30
3.2 População e amostra	31
3.3 Instrumento de coleta de dados	32
3.4 Plano de análise e apresentação dos dados	32
3.5 Procedimentos de coleta de dados	33
3.6 Limitações do estudo	34
4 ANÁLISE DOS DADOS	35
4.1 Ex-alunos adolescentes	35

4.2 Ex-alunos adultos.....	39
4.3 Ex-alunos idosos.....	42
4.4 Análise das entrevistas com educadores.....	44
4.5 Análise da entrevista com a superintendente da fundação.....	48
5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES	52
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	58
APÊNDICE A	59
APÊNDICE B	60
APÊNDICE C	62
APÊNDICE D	63

1 INTRODUÇÃO

Serão apresentados a seguir, a justificativa, o contexto, os objetivos e a metodologia, além de um referencial teórico que serviu de base para a realização da avaliação de um projeto de democratização da informática no município de Alvorada, RS. O projeto em questão chama-se Escola de Informática e Cidadania (EIC), idealizado pelo empresário Rodrigo Baggio, que fundou o Comitê para Democratização da Informática, sendo que no Rio Grande do Sul é representado pela Fundação Pensamento Digital. A primeira organização favorecida pela EIC no município de Alvorada chama-se Sociedade Espírita Simão Pedro, entidade beneficente que abriga outros projetos além deste, todos voltados à inclusão social.

1.1 Justificativa

Por acreditar que o acesso às novas tecnologias da informação, quando bem direcionado e difundido, pode contribuir para a inclusão social, se decidiu investigar um dos projetos existentes que visa a alfabetização digital.

Além do interesse investigativo na área da inclusão digital, a escolha por este tema tem como principal fator a motivação pessoal. A autora deste estudo já participou por duas oportunidades deste projeto. Na primeira, foi uma das primeiras educadoras do CDI em uma EIC em Alvorada, atividade esta que foi muito gratificante, principalmente pela sua característica diferenciada que estará sendo apresentada no decorrer deste trabalho. A segunda participação foi diretamente na Fundação Pensamento Digital, responsável pela implantação das EICs no RS, como estagiária de Biblioteconomia, auxiliando a bibliotecária contratada. Esta atuação se

deu no preparo de livros para a criação de dezenas de bibliotecas instaladas nas ONGs participantes de um projeto do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST) que forneceria equipamentos de informática. O projeto acabou não sendo implementado, embora a proposta do CDI tenha sido aprovada.

Outra justificativa que motivou o interesse em estudar este projeto específico foi a escassez de iniciativas de inclusão digital e a falta de estudos com o mesmo objetivo de avaliar um projeto de alfabetização digital.

Os estudos avaliativos deste tipo têm grande importância para a carreira que foi escolhida, a de bibliotecária, no sentido de mostrar que estes profissionais da informação são capazes de dar novos rumos aos projetos implementados a fim de facilitar o acesso dos excluídos à nova ordem social e suas tecnologias.

Como ponto crítico no âmbito da Sociedade da Informação, foi observado que:

[...] nova visão, novas tecnologias e novos mercados demandam novos profissionais: é urgente a reorientação da formação dos profissionais da informação para a nova realidade de convergência de tecnologias, conteúdo e política, no setor de informação. (BRASIL, 1998, p. 159)

1.2 Definição do Problema de Estudo

Tendo em vista as justificativas apresentadas anteriormente, pretende-se, com este estudo, responder às seguintes indagações:

Os objetivos e missão definidos pelo CDI foram alcançados? Que mudanças estes cursos trouxeram à comunidade atendida?

1.3 Contexto do estudo

A contextualização do estudo avaliativo abrange uma breve identificação das instituições e programas relacionados a este trabalho. São eles: O Comitê Para Democratização da Informática (CDI), a Fundação Pensamento Digital, as Escolas de Informática e Cidadania (EICs) e a Sociedade Espírita Simão Pedro.

As informações a respeito do CDI foram adaptadas de texto informativo localizado no site da instituição (<http://www.cdi.org.br>). Por sua vez, o texto sobre a Fundação Pensamento Digital foi baseado em folhetos recebidos através de correio eletrônico. As informações sobre as EICs foram descritas com base na apresentação do site da Fundação (<http://www.pensamentodigital.org.br>). Finalmente, o texto elaborado sobre a Sociedade Espírita teve alguns dados retirados do jornal de distribuição interna Nova Era, publicado pela entidade.

1.3.1 O CDI Nacional

O CDI é uma organização não-governamental que tem como missão institucional promover a inclusão social através da tecnologia da informação, utilizada como instrumento para a construção e exercício da cidadania. Atua em comunidades menos favorecidas economicamente e em instituições que atendam públicos com necessidades especiais, tais como portadores de deficiência física e visual, jovens em situação de rua, presidiários, usuários psiquiátricos, população indígena, entre outros.

Atualmente, 833¹ EICs, independentes e auto-sustentáveis, desenvolvem atividades. O CDI oferece gratuitamente os computadores, softwares, metodologia para aplicação da proposta político-pedagógica baseada em princípios de Paulo Freire, sistematização das estratégias pedagógicas, formação contínua de educadores da própria comunidade e apoio técnico de gestão. Encontros periódicos com os coordenadores e educadores das EICs permitem o acompanhamento de seu aperfeiçoamento, identificando demandas, dificuldades e favorecendo a troca de experiências. Já foram capacitados no total 501 mil crianças, jovens e adultos. O CDI, através de Comitês Regionais, está presente em 37 cidades em 20 estados brasileiros: AL, AM, BA, DF, CE, ES, GO, MA, MS, MG, PR, PA, PE, RJ, RN, RS, SC, SP e SE. Internacionalmente, já existem CDIs implantados no Japão, Colômbia, Uruguai, México, Chile, África do Sul, Angola, Honduras, Guatemala e Argentina.

Para o constante desenvolvimento de seu projeto, o CDI procura apoios financeiros e parcerias com instituições, empresas e até mesmo contribuições individuais. Promove também campanhas permanentes de doação de microcomputadores e contam com uma vasta e participante equipe de voluntários. A organização CDI conta com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Fundação W. K. Kellogg, da Philips, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), da Accenture Foundation, Inc., da Microsoft, da Fundação Vale do Rio Doce, da Fundação Telefônica, da Esso, da UBS Financial Services, do Banco Mundial / Infodev, da Xerox, da Fundação EDS, entre outros parceiros indispensáveis.

¹ Dados de 2003.

1.3.2 A Fundação Pensamento Digital

A Fundação Pensamento Digital representa o CDI no Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre.

A Fundação tem como missão oportunizar o acesso à tecnologia da informação e comunicação, incentivando a formação cidadã e a cultura do aprendizado contínuo.

Tem como objetivos:

- Promover o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) às comunidades de baixa renda;
- Oportunizar o desenvolvimento sócio-econômico das comunidades beneficiadas através do uso das TICs.

Tem como projetos desenvolvidos até agora:

- a) o *Cidadão Digital*, que consiste na implementação de *Escolas Técnicas de Informática (ETIs)* com o apoio da Dell Brasil através de aporte financeiro. As ETIs recebem 6 computadores Dell, com acesso à Internet fornecido pela Procergs (Governo do Estado). O ensino dá-se através de Software Livre. Este projeto conta com a participação dos colaboradores da Dell Brasil através da doação espontânea do valor da mensalidade do curso. Este valor é repassado a alunos das ETIs que estejam matriculados regularmente em escolas públicas municipais e estaduais do Ensino Médio;
- b) o *Comitê para Democratização da Informática - CDI*, que visa a implantação e implementação de *Escolas de Informática e Cidadania*

auto-sustentáveis em parceria com organizações da sociedade civil que assistem comunidades de baixa renda ou portadores de necessidades especiais;

- c) o *Menores Aprendizes*, em parceria com a prefeitura de Porto Alegre, objetiva a contratação e o acompanhamento de jovens monitores para Telecentros da capital;
- d) *Cidadania e Talento.com* é um projeto em parceria com o CIEE-RS, que intenta contribuir para a habilitação de adolescentes, moradores da periferia da cidade a desenvolver as aptidões necessárias ao seu engajamento no mercado de trabalho e para o exercício pleno da cidadania através das TICs.

1.3.3 As Escolas de Informática e Cidadania (EICs)

As EICs são espaços informais de ensino gerados através de uma parceria entre o CDI e organizações comunitárias ou movimentos associativos, tais como: centros comunitários, grupos religiosos, associações de moradores, entidades de classe, entre outros.

Os computadores são doados pelo CDI, juntamente com o material pedagógico e treinamento dos monitores, escolhidos entre pessoas da própria comunidade, pela instituição que abrigará a escola. É cobrado um valor simbólico pelo curso para as despesas de material consumível e pagamento dos educadores. Portanto, as escolas tornam-se auto-sustentáveis, embora continuem recebendo o apoio pedagógico do CDI.

A pedagogia utilizada nas escolas é chamada de Pedagogia por Projetos, que consiste em estimular os aprendizes, no momento em que se aprende a manusear os aplicativos do sistema operacional, a construir projetos, expor idéias, discutir temas polêmicos que façam parte de sua realidade enquanto cidadãos daquela comunidade e a buscar, juntos, soluções para problemas cotidianos que os envolvam.

1.3.4 A Sociedade Espírita Simão Pedro

Esta organização foi fundada em 18 de abril de 1957 no município de Alvorada, pelo então jovem de 29 anos, Adelino Ferreira Borba, nos fundos de sua casa. Com o tempo, a SESP, como é chamada, foi crescendo somente com o auxílio de doações, e hoje é composta de quatro prédios. Atende mulheres idosas em seus três asilos, crianças em sua creche e realiza distribuição de alimentos, roupas e brinquedos. Possui ainda diversos cursos profissionalizantes e, em 2000, foi implantada então a primeira EIC do Rio Grande do Sul com equipamentos novos doados pela Dell Computadores. Em 2002 a Fundação Pensamento Digital incluiu ainda um novo curso de profissionalização em informática, através do uso do software livre Linux para estudantes do Ensino Médio.

1.4 Objetivos

a) Objetivo Geral

Avaliar o alcance dos objetivos traçados pelo CDI, o cumprimento da missão e os resultados trazidos à comunidade atendida pelo projeto denominado EIC em Alvorada, na Sociedade Espírita Simão Pedro.

b) Objetivos Específicos

- Analisar a satisfação dos ex-alunos e educadores em relação ao curso;
- Identificar as mudanças internas ocorridas nos alunos depois da alfabetização digital;
- Identificar as transformações externas ocorridas no ambiente - sob o ponto de vista dos alunos e dos educadores - depois da entrada no mundo digital;
- Verificar o cumprimento da missão do projeto, principalmente no que tange ao estímulo à educação continuada, sob o ponto de vista dos ex-alunos, dos educadores e da superintendência da Fundação Pensamento Digital.

1.5 Definição dos termos

As definições dos termos a seguir foram elaboradas de duas formas. Alguns termos foram citados direta ou indiretamente dos autores estudados, e outros elaborados de acordo com o entendimento da autora deste trabalho.

Alfabetização Digital – O indivíduo alfabetizado digitalmente é aquele que domina o uso das novas tecnologias da informação, utilizando-as para o pleno exercício da cidadania.

Cidadania – Participação dos indivíduos em todas as decisões que os envolvem direta ou indiretamente, de forma consciente, além do conhecimento e exercício de seus direitos e deveres.

Democratização da Informação – De acordo com Paiva (2003), é permitir ou facilitar o acesso aos meios de comunicação para a população, ou seja, facilitar a aproximação de comunidades menos favorecidas aos recursos informáticos.

Divisão Digital – Tradução do termo inglês *digital divide*. De acordo com Lucas (2002) é a distância que separa as pessoas que têm habilidades para lidar com as tecnologias de informação e comunicação e os digitalmente excluídos, que não tiveram a oportunidade ou conhecimento para tal.

Era da Informação – Também chamada de *Era do Conhecimento*. “A renovação veloz e constante do conhecimento é um dos principais elementos que caracterizam a Era da Informação.” (SILVEIRA, 2003, p. 27)

Exclusão digital – Conforme relata Silveira (2003, p. 18),

[...] a exclusão digital ocorre ao se privar as pessoas de três instrumentos básicos: o computador, a linha telefônica e o provedor de acesso. O resultado disso é o analfabetismo digital, a pobreza e a lentidão comunicativa, o isolamento e o impedimento do exercício da inteligência coletiva.

Schwartz (apud Silveira, 2003) aprofunda mais, quando diz que não é apenas ficar sem computador ou telefone celular, é continuar incapazes de pensar, de criar e de organizar novas formas, mais justas e dinâmicas, de produção e distribuição de riqueza simbólica e material. Também chamada de *apartheid digital* ou *infoexclusão*.

Inclusão Digital – Inclusão dos cidadãos no universo informático, não apenas de maneira tecnicista, mas estimulando a criatividade e o pleno exercício da cidadania. De acordo com o Relatório da II Oficina de Inclusão Digital, a Inclusão Digital é o “acesso universal ao uso das tecnologias de informação e comunicação e usufruto universal dos benefícios trazidos por essas tecnologias.” (BRASIL; RITS; SAMPA.ORG, 2003)

Inclusão Social – De acordo com o Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil, os cidadãos incluídos socialmente sentem-se capacitados a tomar decisões e a escolherem com sabedoria em todos os aspectos na vida em sociedade, tendo livre acesso às informações, bem como a capacidade de processá-

las sem serem levados cegamente pelo poder econômico ou político. (BRASIL, 2000)

Novas Tecnologias da Informação – Conforme mostra Silveira (2003), a nova revolução tecnológica tem recebido diversas denominações, tais como: *novas tecnologias de informação, novas tecnologias digitais, revolução digital, revolução informacional, era do acesso* etc. Mas o que todos autores concordam é que esta revolução baseia-se no uso do computador como ferramenta essencial da comunicação, da economia e da gerência do poder, tendo ainda as telecomunicações como elemento essencial para a transferência de informações.

Sociedade da Informação – Sociedade onde a universalização dos serviços de informação e comunicação contribui para a inserção dos indivíduos como cidadãos, a partir do momento em que todos possam ser produtores de conteúdo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura serve de alicerce para o desenvolvimento de qualquer estudo ou pesquisa que se faça. Por isso mesmo, este referencial teórico permaneceu em construção durante toda a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

2.1 Sociedade da Informação

O advento da Internet (rede mundial de computadores), além do computador pessoal, causou transformações tão significativas na sociedade na qual se vive que hoje em dia é impossível falar em acesso à informação sem falar dela.

É cada vez maior a exigência do domínio das novas tecnologias, principalmente a informática, para se ter um melhor emprego ou até mesmo um maior acesso à informação, podendo utilizar tudo o que essas tecnologias podem oferecer.

Porém, a Internet ainda é um meio sub-utilizado, considerando o grande potencial que possui. É capaz de permitir muito mais do que a comunicação pelo correio eletrônico e salas de bate-papo. A Internet oferece muitos outros recursos não muito utilizados, mas que auxiliariam muito no exercício da cidadania e na busca pelos direitos da população em geral, como por exemplo, abertura de sites, composição e disseminação de textos, disponibilização de estações de rádio, televisão, criação de grupos de discussão, etc.

Além da fraca disseminação desses recursos, o que falta é principalmente a educação e o acesso a eles. Tão importante quanto o acesso a computadores é a formação para o uso das ferramentas. De nada adianta todas as bibliotecas e

escolas oferecerem acesso a computadores e à Internet se as pessoas não os utilizam de maneira otimizada.

A Sociedade da Informação, ou Era da Informação, entre outras denominações, caracteriza-se pela supremacia das novas tecnologias da informação e comunicação frente à maioria dos processos humanos. Esta fase em que se vive atualmente também se caracteriza pela rapidez com que as tecnologias, principalmente a informática, aperfeiçoam-se. Infelizmente o Brasil, assim como diversos países em desenvolvimento, logo que conseguem incluir sua população no conhecimento de determinada tecnologia, esta acaba ficando obsoleta em relação aos países desenvolvidos economicamente, o que faz com que continuem atrasados social e economicamente.

O surgimento da Internet é considerado por muitos autores como um importante marco histórico da época contemporânea. Cunha Filho (1999) afirma que, dentre todas as mídias, a Internet é a que dispõe de maior espaço interativo e de expressão da cidadania, por ser mais fácil adquirir um computador e uma linha telefônica do que uma emissora de rádio ou televisão para expressar as idéias e pensamentos. Isso sem contar a facilidade de acesso, é claro. Para Lemos (2002, p.56), “[...] entram em jogo a telepresença, os mundos virtuais, o tempo instantâneo, a abolição do espaço físico, em suma, todos os poderes de transcendência e de controle simbólico do espaço e do tempo”. Lucas (2002), por sua vez, diz que a Internet certamente promoverá o desenvolvimento de novas formas de cultura, assim como as outras mídias o fizeram. A obra Sociedade da Informação (BRASIL, 1998, p. 29), declara com firmeza que:

[...] o modelo implícito na Internet, onde o usuário ou cliente – o antigo leitor ou ouvinte – é o editor da informação, assumindo um papel muito mais

importante do que a mídia baseada em difusão, é muito mais democrático e poderoso que na mídia clássica e tem, também, algo de anarquista.

Sendo assim, a invenção da Internet poderia ser considerada como o auge da Era do Conhecimento, ou Era da Informação. A Internet trouxe mudanças tão significativas que até mesmo as relações humanas estão se modificando. A Internet fez com que a distância não fosse mais empecilho para as comunicações. Conversar por e-mail ou salas de bate-papo com pessoas dos mais diferentes países tem o mesmo custo. Mas isso também acarretou em uma nova modalidade de exclusão: a exclusão digital, resultado da exclusão social já tão discutida aqui no Brasil. Conseqüência, entre outras coisas, da má distribuição de renda.

O Governo Federal lançou em 2000 o chamado “Livro Verde”, que dispõe sobre a Sociedade da Informação no Brasil, obra de responsabilidade do Ministério de Ciência e Tecnologia com a parceria de instituições e pessoas das mais diversas localidades do país que têm interesse nesta área. A Sociedade da Informação no Brasil está muito bem descrita no papel; porém, na prática, ainda se está engatinhando nesse processo. Ainda são poucas as escolas no Brasil que possuem acesso à Internet, e as que possuem, não capacitam os professores para que possam auxiliar seus alunos no uso das novas tecnologias. A missão do projeto (BRASIL, 1998):

Articular e coordenar o desenvolvimento e utilização segura de serviços avançados de computação, comunicação e informação e suas aplicações na sociedade, mediante a pesquisa, desenvolvimento e ensino brasileiros, acelerando a disponibilização de novos serviços e aplicações na Internet, de forma a garantir vantagem competitiva e a facilitar a inserção internacional da indústria e empresa brasileiras. Fornecer, desta maneira, subsídios para a definição de uma estratégia de país para conceber e estimular a inserção adequada da sociedade brasileira na Sociedade da Informação. (p. 20-21)

O programa focaliza a importância do acesso às novas tecnologias da informação, auxiliando em diversos setores, tais como educação, economia etc. No entanto, as iniciativas têm sido realizadas em sua maior parte pelas organizações não-governamentais.

Conforme Silveira (2003),

Enquanto a primeira e a segunda revoluções tecnológicas ampliaram a capacidade física e a precisão das atividades humanas, esta revolução amplifica a mente. Eis o maior perigo de se chegar atrasado a ela. Essa revolução, exatamente por fundar-se nas tecnologias da inteligência, amplia exponencialmente as diferenças na capacidade de tratar informações e transformá-las em conhecimento.

Dizer que se vive em uma *Sociedade da Informação* pode até soar bonito, mas de que vale uma montanha de informações, se elas não estão disponíveis para toda a população? A informação, para que se torne conhecimento, necessita ser processada de acordo com as condições de cada pessoa. O fato de as novas tecnologias de informação e comunicação estarem ao alcance dos excluídos socialmente, não basta para que eles se tornem efetivamente sujeitos da Sociedade da Informação, visto que não têm oportunidade de aprender a apreender tais informações, embora o acesso já seja um começo.

2.2 Inclusão digital

A alfabetização digital é mais do que “saber mexer”. É dominar os recursos a fim de aproveitá-los ao máximo para o próprio desenvolvimento intelectual e social. O computador deve ser o meio, e não o fim, no sentido de propiciar novas descobertas, não simplesmente se acessar coisas prontas. Deve-se desenvolver habilidades utilizando as ferramentas disponíveis.

Nesse contexto, tornar a Internet de todos para todos, coerentemente com o espírito do Livro Verde, implica criar condições para o acesso público dos cidadãos às redes digitais, porém não apenas o acesso aos suportes tecnológicos necessários, mas também à capacitação das pessoas para tornarem-se usuários ativos, ou seja, não somente receptoras, mas também emissoras de conteúdos. (PERUZZO, 2002)

Conforme Silveira (2003, p. 19), em 25 de junho de 2001, a revista *Internet Business* apresentou dados de uma pesquisa realizada em 27 países sobre o acesso à rede mundial de computadores, apresentando dados relativos ao primeiro trimestre de 2001. A pesquisa revelou que 41% de todo o acesso mundial encontra-se nos Estados Unidos e Canadá, e a América Latina conta com apenas 4% do acesso à Internet. Dados da 16ª Pesquisa Internet POP, realizada pelo IBOPE Mídia em 2004¹, mostra que a população brasileira que acessa a Internet representa 28%. Dos jovens de 15 a 19 anos, 45% navegam mesmo que apenas de vez em quando. O problema é que ainda é bastante caro possuir acesso à rede mundial de computadores. Um equipamento de computador continua com o preço elevado se comparado à renda média do trabalhador brasileiro. Manter uma linha telefônica é

¹ A 16ª Pesquisa Internet POP foi realizada entre 25 de março e 7 de abril de 2004 em nove mercados: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza, Distrito Federal e Curitiba.

muito mais difícil que conseguí-la. E o acesso à Internet por cabos de fibra ótica, rádio ou outros meios são mais caros ainda.

No país, existem cerca de 15 milhões de computadores. Mas somente 14,2% das residências brasileiras possuem computador pessoal, segundo a pesquisa PNAD 2002 (CRUZ, 2004).

Apesar de o governo ter iniciado algumas iniciativas de inclusão digital, as maiores ações no sentido de aproximar pessoas de baixa renda às novas tecnologias ainda vêm do terceiro setor. São ONGs que se preocupam em disponibilizar o acesso à computadores e ensinar as comunidades a utilizá-los. Essas organizações acabam contando na maioria das vezes com o auxílio de grandes empresas privadas.

De acordo com Sorj (2003, p.73):

O e-desenvolvimento social não substitui o desenvolvimento social, nem a luta contra a exclusão digital substitui o elenco de medidas necessárias para enfrentar a pobreza, a desigualdade social, e uma de suas mais terríveis seqüelas, a violência urbana. Mas o e-desenvolvimento passou a ser uma das dimensões do desenvolvimento, como a luta contra a exclusão digital é uma das dimensões da luta contra a pobreza e a desigualdade social.

A inclusão digital pode ser um dos canais para a diminuição da exclusão social. Através do uso das novas tecnologias as pessoas poderão ter maiores chances de ingressar no mercado de trabalho formal e se sentirem estimuladas a retomar ou continuar os seus estudos.

Inclusão digital não significa somente saber usar os meios informáticos, é um termo muito mais amplo, que tem a ver com a inserção no meio digital, como o próprio nome diz, ou seja, existir no meio virtual, participar, produzir, realizar.

Guerreiro (2002) diz que não basta apenas disponibilizar o acesso à Internet e às informações para acabar com a exclusão digital, mas sim preparar os indivíduos a discernir e selecionar as informações adequadamente de maneira que façam sentido e transformem-nas em conhecimento.

A alfabetização digital contribui para a inserção dos indivíduos nesta nova fase onde as novas tecnologias da informação e comunicação estão presentes em todos os setores, conseqüentemente fazendo com que se sintam incluídos no meio social.

O processo tecnológico é irreversível e não deve ser visto como algo que veio, necessariamente, para resolver nossos graves problemas sociais. Mas ignorar o imenso potencial que as redes de computadores oferecem em termos de aplicação para os mais diversos setores da sociedade é uma atitude, no mínimo, irresponsável. Além de ser o caminho mais rápido para a exclusão. (CUNHA; PINTO, 1999)

2.3 Cidadania

Outra forma de diminuir a exclusão social é exercer a cidadania. A tendência é que a Internet seja no futuro um grande canal de comunicação entre as comunidades e os governos. O primeiro passo é permitir o acesso a todas as camadas da população. Porém, permitir tão só o acesso de nada adianta. É preciso que as pessoas saibam utilizar e da melhor forma um computador e seus aplicativos.

De acordo com BAGGIO (2000),

A informática também representa uma atração irresistível para os jovens que vivem em comunidades pobres. Aliada ao aprendizado de noções de direitos humanos e ecologia, então, criam-se maiores oportunidades para as crianças e adolescentes, beneficiando, simultaneamente, as suas famílias e comunidades.

Rocha (2000) afirma que é através do conhecimento do mundo, obtido formal e informalmente, a partir das experiências próprias e da convivência em sociedade, pelas trocas lingüísticas e reconhecimento de símbolos, em um processo ordenado de formação intelectual e moral do indivíduo, que é construída a cidadania.

A cidadania não é um conceito tão simples de se entender, até mesmo porque é raro aprender em uma escola, o lugar que seria mais adequado para se compreender o sentido de exercê-la.

Formar o cidadão não significa “preparar o consumidor”. Significa capacitar as pessoas para a tomada de decisões e para a escolha informada acerca de todos os aspectos na vida em sociedade que as afetam, o que exige acesso à informação e ao conhecimento e capacidade de processá-los judiciosamente, sem se deixar levar cegamente pelo poder econômico ou político. (BRASIL, 2000)

Além de direitos e obrigações, a cidadania diz respeito à participação no processo de decisão política – âmbito das escolhas coletivas. Essa participação exige, entre outras condições, a presença de um cidadão bem informado. Para ter acesso à informação – um dos direitos da cidadania – o cidadão tem de ser, antes de tudo, educado. Por sua vez, a cidadania leva à conscientização dos direitos à educação, à informação e à cultura.

Araújo (1999, p. 166) afirma que:

[...] a relação entre informação e cidadania não é algo gerado a partir do simples acesso/ uso de informação. Tal relação exige reflexão e análise crítica por parte do usuário de informação. Diante desta consideração, a sociedade de informação e do conhecimento é apenas um espaço de

possibilidades que ainda espera uma ação crítica por parte dos sujeitos sociais, no sentido de colocar tais elementos a serviço do bem-estar coletivo.

Apesar do rápido processo de globalização, os avanços tecnológicos não foram capazes de diminuir as diferenças sócio-econômicas e culturais do mundo e do Brasil, rico em desigualdade social. Este problema perpassa pela questão da falta da cidadania plena em que se encontra a maioria dos brasileiros.

Entre as camadas mais pobres da sociedade, a idéia de cidadania é apenas ter documento ou poder votar. Mas sabe-se que isso não assegura nenhum tipo de cidadania, se não vier acompanhado de condições de nível econômico, social e cultural.

O bibliotecário possui um importante papel nesta nova fase em que se vive, na medida em que proporciona, ou deveria proporcionar, o acesso às informações de que todo o cidadão necessita para poder clamar por seus direitos e realizar os seus deveres. Da mesma forma, esta facilitação deveria transpor as barreiras da biblioteca e chegar a todas as camadas da população.

3 METODOLOGIA

A descrição da metodologia adotada serviu como parâmetro para a realização do estudo. Para isto apresenta-se o tipo de estudo, a população e amostra, os instrumentos de coleta de dados, o plano de análise e apresentação dos dados, os procedimentos de coleta de dados e as limitações do estudo.

3.1 Tipo de estudo

Este trabalho define-se como sendo um estudo avaliativo, na medida em que se pretende não apenas estudar a comunidade atendida pelo projeto em suas particularidades, mas ainda avaliar se a missão e os objetivos especificados pelo CDI foram alcançados e que mudanças podem ter causado na comunidade.

Utilizou-se uma abordagem qualitativa porque o que interessava era investigar a subjetividade dos sujeitos e não quantificar a ocorrência dos eventos. De acordo com TRIVIÑOS (1987), a pesquisa qualitativa não segue seqüência tão rígida quanto a pesquisa quantitativa. Por exemplo, as informações que se recolhem, durante sua interpretação, podem exigir novas buscas de dados. E isto foi o que ocorreu. Conforme as entrevistas iam sendo feitas, novos dados iam sendo incorporados e os objetivos do trabalho se completavam. Por isso, o autor citado acima ainda afirma que o chamado “relatório final” vai se constituindo ao longo de todo o estudo, e não exclusivamente como uma última análise dos dados.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Flick (2004, p. 22), nos esclarece da seguinte forma:

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia. As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, suas impressões, irritações, sentimentos, e assim por diante, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, sendo documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto.

3.2 População e amostra

Os sujeitos do estudo foram os educadores e alunos que passaram pelos cursos de capacitação da Escola de Informática e Cidadania na Sociedade Espírita Simão Pedro, em Alvorada, desde sua implantação, em 2000. Os ex-alunos e educadores foram escolhidos como sujeitos do estudo a fim de corresponder aos objetivos propostos. Outro sujeito do estudo foi a Sra. Marta Voelcker, na qualidade de superintendente da Fundação Pensamento Digital, escolhida para avaliar e expressar a visão do CDI com relação as mudanças que o projeto suscitou.

A população participante do curso do CDI soma: 09 educadores até o ano de 2004 (destes, 03 trabalham atualmente); 550¹ alunos formados, sendo 207 adolescentes (15 a 20 anos de idade), 306 adultos (21 a 49 anos de idade) e 23 idosos (50 anos em diante).

Como o estudo pretendeu ser basicamente qualitativo, não foi aplicada a uma amostra estatisticamente significativa. A intenção era de investigar em profundidade oito (8) alunos de cada tipo, a saber: oito jovens, oito adultos e oito idosos. Porém, só responderam ao questionário cinco (5) jovens, oito (8) adultos e três (3) idosos. Quanto aos educadores, foram estudados cinco (5) sujeitos, excluindo a participação

¹ Dados de março de 2001 a novembro de 2003.

da autora deste estudo, e de outros três educadores que não puderam ser localizados.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Para o recolhimento dos dados, foram utilizados dois diferentes instrumentos: entrevista semi-estruturada e questionário.

Foi realizada uma entrevista, composta de 7 questões, com a superintendente da Fundação Pensamento Digital, entidade responsável pelo CDI no RS. Outra entrevista, com 9 questões, foi aplicada aos educadores. Pela limitação de tempo para aplicação dos instrumentos de coleta de dados, para os ex-alunos foi escolhido um questionário. Ele foi composto por 18 perguntas abertas e foi entregue aos ex-alunos nas suas residências. Os modelos estão apresentados nos apêndices A a D.

3.4 Plano de análise e apresentação dos dados

Dos dados qualitativos foram retiradas as respostas ou falas dos sujeitos que melhor explicaram as questões propostas. A análise, a fim de responder aos objetivos do estudo, foi feita na forma descritiva e interpretativa.

3.5 Procedimentos de coleta de dados

A entrevista com a superintendente da Fundação Pensamento Digital, Marta Voelcker foi agendada e realizada sem nenhuma dificuldade, na própria sede da ONG. As questões foram elaboradas de modo a verificar o andamento do projeto, problemas e expectativas futuras.

Com os educadores do projeto EIC foram realizadas entrevistas individuais, em horários previamente agendados. Entrevistou-se ao todo cinco educadores, sendo três atuais e dois que não mais participam do projeto. Foram contatados com o auxílio da Sociedade Espírita Simão Pedro e atenderam prontamente à solicitação.

Os questionários, por sua vez, foram distribuídos aos ex-alunos selecionados, divididos por faixas etárias. Consideramos nesta pesquisa ex-alunos adolescentes os jovens de 15 a 20 anos de idade, os adultos de 21 a 49 anos de idade e idosos acima de 50 anos de idade. Foi anexada ao questionário uma carta de apresentação com o logotipo da Fundação Pensamento Digital e do CDI – com autorização dos mesmos – para uma maior credibilidade. Correspondências foram entregues aos alunos em suas residências, de acordo com os dados retirados das fichas de inscrição fornecidas pela Sociedade Espírita Simão Pedro, entidade que abriga a primeira Escola de Informática e Cidadania do Município de Alvorada. Foi estipulado um determinado prazo para a coleta dos questionários. Como a seleção foi aleatória, algumas pessoas que receberam o questionário não haviam realizado o curso, apenas se inscreveram. Outras não foram localizadas porque mudaram de endereço. A partir daí, decidiu-se por contatar os respondentes via telefone antes de

entregar os questionários e antes de buscá-los. Ainda assim foi obtido um número menor do que o pretendido, conforme é apresentado nas limitações do estudo.

3.6 Limitações do estudo

Este estudo teve como limitação a dificuldade em atingir a quantidade de questionários respondidos pretendida. Mesmo tendo havido contato telefônico e/ou pessoal com todas as pessoas que foram selecionadas, ainda houve desencontros e dificuldades em recolhê-los. Apesar disso, acredita-se que o trabalho em si não foi muito prejudicado devido ao seu caráter qualitativo, que não se preocupa com o tamanho da amostra, e sim com a profundidade com que os sujeitos respondem.

Sobre isso, Triviños (1987, p.132) nos diz que: “[...] não é, em geral, preocupação dela (da pesquisa), a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições [...], o tamanho da amostra”.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A seguir apresenta-se a análise dos questionários e entrevistas. Inicia-se pela apresentação das análises das respostas dos alunos formados pela EIC em estudo. Em seguida, expõe-se a avaliação dos educadores e finaliza-se com a avaliação e as expectativas frente ao projeto através de entrevista com a superintendente da organização não governamental que abriga o CDI. Para os questionários, foram consideradas as três diferentes faixas etárias com as devidas observações, conforme apresentado abaixo.

4.1 Ex-alunos adolescentes

Foram cinco os adolescentes que responderam ao questionário, entre jovens do sexo feminino e masculino. Todos estes respondentes avançaram em escolaridade após a realização do curso do CDI. Sabe-se que este fato é de certa forma natural na faixa etária compreendida, que se caracteriza como um período bastante dinâmico. De acordo com Lewis (*apud* BEE, 1997, p. 329),

[...] o adolescente pensa sobre opções e possibilidades, imagina-se em papéis diferentes, indo ou não à universidade, casando-se ou não, tendo filhos ou não. De modo que ele é capaz de imaginar conseqüências futuras de ações que deve empreender agora, possibilitando uma espécie de planejamento a longo prazo.

As razões que levaram a maioria destes adolescentes (quatro ex-alunos) a fazer o curso de informática foi a preparação para o mercado de trabalho. Os ex-alunos que começaram a trabalhar (quatro respondentes) depois da qualificação

atribuem esta conquista aos conhecimentos adquiridos no curso de informática e, evidentemente, à posse do certificado. Por sua vez, a escolha por esta escola específica teve como principal fator o menor custo. Três ex-alunos aliaram o menor custo à qualidade oferecida.

Um dos respondentes é empacotador em uma grande rede de supermercados e pareceu bastante otimista. O ex-aluno admite que há a possibilidade de subir de cargo na empresa graças aos conhecimentos em informática adquiridos no curso. Pode até ser que este rapaz consiga realmente, pois outros que não tiveram oportunidade de estudar informática provavelmente não estejam qualificados a operar o computador em um escritório. Este curso, por ter seu custo acessível a camadas mais pobres da população, demonstrou estar oferecendo maiores oportunidades a essas pessoas.

Na questão referente a mudanças que ocorreram nas vidas destes jovens após a realização do curso, foram verificados diferentes aspectos. Porém, todos os que conquistaram uma vaga no mercado de trabalho citam este fato como principal mudança em suas vidas. Sobre este aspecto, uma das respostas chamou a atenção: “[...] porque se não fosse o curso hoje talvez não estaria empregada numa empresa grande”. Quatro deles alegaram terem tido acesso a mais informações ou maior conhecimento técnico. É bem verdade que hoje em dia a informática é essencial para a conquista de uma vaga no tão competitivo mercado de trabalho. Quanto maior a qualificação, mais fácil a conquista. Da mesma forma, em quase todos os concursos públicos é exigido conhecimento de informática em suas provas seletivas. Ocorreu um fato bastante interessante após a formatura de uma das primeiras turmas. No encontro em uma parada de ônibus em Alvorada, uma ex-aluna dirigiu-se a esta autora bastante contente, informando que havia prestado concurso para

telefonista da prefeitura de Alvorada e havia acertado quase todas as questões de informática. Esta declaração, por si só, já foi um resultado positivo do projeto e, talvez, um dos fatos que mais incentivou a realização deste estudo.

Outrossim, sabe-se que os motivos pelos quais as pessoas conseguem ou não um emprego rapidamente depende de diversos fatores além do conhecimento em informática. Da mesma forma, entende-se que aqueles que conquistaram um emprego rapidamente após a realização do curso tiveram seus méritos pessoais conquistados ao longo de toda sua vida. Não foi possível, neste estudo, avaliar os motivos pelos quais os respondentes desempregados assim estão. Até mesmo porque este trabalho se tornaria por demais extenso.

Todos os ex-alunos respondentes afirmaram que a Internet é importante tanto para eles próprios como para a sociedade em geral. Uma resposta de certa forma excessiva foi a seguinte: “[...] pois é lá que tenho todas as informações que necessito”. Dizer que a Internet tem tudo em termos de informação é certamente um exagero, mas a partir daí se pode captar que a adolescente possui uma certa compreensão da dimensão das informações que a rede mundial de computadores oferece. O que ela – e todo mundo – precisa saber é a forma como obter as informações com qualidade e objetividade, que seria a função do profissional de informação. Como o objetivo deste estudo é avaliar uma EIC, não será aprofundada esta questão.

Outra opinião bastante significativa e de certa forma profunda sobre a importância da Internet foi a seguinte: “A Internet é para quem tem bons olhos, como a televisão, um canal de informações e conhecimento”. Apesar da palavra conhecimento não ter sido tão bem colocada, esta frase permitiu uma interpretação: a Internet é útil para quem sabe aproveitar o que nos traz de informações. Por outro

lado, pode ser usada, assim como a televisão, para alienar pessoas ou distorcer acontecimentos e idéias. Para citar apenas um exemplo, é só lembrar dos falsos e-mails de correntes solidárias e avisos de riscos com produtos de uso diário que se recebe todos os dias. Sobre o conhecimento, ele é pessoal e transformado a cada assimilação de uma nova informação. Marteleto e Ribeiro (2001) acreditam que o conhecimento e a informação são dois fenômenos interligados, mas não idênticos. Segundo estes autores, “O processo de conhecimento supõe estruturação e depuração de informações: seleção da informação relevante, triagem e eliminação da informação supérflua [...]”.

De alguma forma, todos os adolescentes possuem acesso ao computador. Quatro deles no seu trabalho ou em casa de amigos e um em sua própria casa. Três ex-alunos acessam à Internet e apenas um deles citou as razões de uso mais utilizadas, que são a digitação, pesquisa, formatação de planilhas, etc. A informática é bastante atrativa aos jovens, e por isso, talvez, eles busquem de alguma forma obter acesso.

A última questão proposta aos ex-alunos foi sobre a possibilidade da informática e/ou Internet em auxiliar a resolver problemas relacionados à comunidade de Alvorada. Os dois que responderam aliaram as soluções ao acesso à Internet. Citaram a busca por modelos de soluções em sites de organizações não-governamentais e cidadania, a criação de sites e divulgação dos problemas da cidade aos que não possuem acesso à Internet.

A participação neste curso de informática pode ter contribuído para o surgimento de idéias alternativas para a resolução de problemas comunitários. Os cursos, pelo que se sabe, abordam aspectos de cidadania, quer seja em textos ou em pesquisas que são solicitadas, além de projetos que são realizados.

Uma experiência pessoal bastante interessante como educadora foi quando solicitei que meus alunos fossem a uma exposição – com entrada franca – de fotos do famoso fotógrafo Sebastião Salgado chamada Êxodos. Pedi que escrevessem textos e o formatassem utilizando as ferramentas que aprenderam, narrando a experiência e os sentimentos surgidos durante a exposição. A imensa maioria nunca havia estado em uma exposição de arte. Resultaram textos bastante interessantes e impressões as mais diversas, tanto negativas quanto positivas. Mas houve uma reflexão e um posicionamento.

4.2 Ex-alunos adultos

A faixa etária da categoria adultos é bastante abrangente, mas, considerando os fins deste estudo, correspondeu perfeitamente. Foram oito os respondentes desta categoria, entre homens e mulheres.

Viu-se que a partir desta fase, a vida dos ex-alunos permaneceu de maneira geral estável. A escolaridade de cinco deles permaneceu a mesma após a realização do curso de informática. Porém, considerando que o número de respondentes é pequeno, e um pouco menos da metade destes evoluiu em sua escolaridade, pode ser considerado um resultado bastante positivo. Dentre os que avançaram em nível de escolaridade, duas pessoas possuem agora o curso superior incompleto. Pelo que se pôde perceber em conversa com estas ex-alunas, no momento da busca do questionário, as mesmas acabaram por trancar suas matrículas na universidade, mas pretendem retornar aos estudos.

Ao contrário dos ex-alunos adolescentes, apenas dois destes respondentes procuraram o curso para se capacitar para o mercado de trabalho. Com relação à

carreira profissional no início da vida adulta, Bee (1997) diz que existem dois estágios: o da tentativa (ou estabelecimento), quando direções diferenciadas são exploradas, e a estabilidade, quando se firma o caminho profissional. Grande parte destes respondentes (quatro) decidiu realizar o curso por gostar de informática ou para adquirir mais conhecimento. Chamou a atenção a manifestação de uma das ex-alunas, que disse ter realizado este curso na expectativa de conseguir um bom emprego. Pelo conjunto de suas respostas, entende-se que esta moça acreditava que bastaria fazer o curso para ter a garantia de conseguir um emprego, sem nenhum outro esforço. Sabe-se que a informática é realmente muito importante hoje em dia, mas deve estar aliada a outras habilidades. A escolha por esta escola específica foi, de maneira geral, pelo seu baixo custo. Uma resposta interessante foi a de uma ex-aluna que disse ter procurado o curso pela sua característica diferenciada de unir informática com noções de cidadania. O caráter inicial do projeto implantado pelo CDI foi de trabalhar cidadania nas aulas de informática. Não se sabe exatamente a forma como cada educador aplicou estas noções em seu conteúdo. Nas apostilas recebidas existem sugestões sobre planos de aula e foram dadas dicas sobre como aplicar a cidadania nos cursos preparatórios. Apesar disso, cada turma de formação de educadores pode ter tido uma abordagem diferenciada. Isso se deu pela característica dinâmica do projeto e pelos diferentes multiplicadores que prepararam os educadores. Com relação à mudança que o curso de informática e cidadania realizado em Alvorada causou em suas vidas, cinco informaram ter enriquecido seus conhecimentos, ter aprendido a utilizar corretamente os programas, entre outros comentários semelhantes. Uma resposta que se diferenciou significativamente foi a de uma ex-aluna que admitiu ter ficado “[...] mais informada

sobre o assunto mais importante da atualidade – a era digital”. Por outro lado, outro adulto disse que nada mudou em sua vida.

Sobre a importância do acesso à Internet, as respostas dos adultos foram semelhantes às dos adolescentes. Chamou a atenção o comentário a seguir: “[...] todos deveriam ter acesso, pois através dela se abre um novo mundo”. Também se falou da rapidez com que se acessa informações através da Internet, e que pode ser usada para o nosso crescimento.

Apenas três destes ex-alunos possuem acesso a computador, mas não têm acesso à Internet. Tudo o que se aprende e não se pratica é esquecido com o tempo. Verificar que muitos dos ex-alunos não possuem acesso a computador é desalentador. Na busca por uma vaga de emprego pode ser aceito o certificado do curso de informática, mas na hora da prática do trabalho é que seus conhecimentos serão analisados. Isto pode gerar frustrações às pessoas.

A maioria dos adultos foi bastante sucinta em suas respostas, principalmente no que tange a suas opiniões sobre como a informática pode auxiliar na resolução dos problemas relacionados à comunidade de Alvorada. Ainda assim, foi possível encontrar respostas interessantes. Uma delas sugere a exposição dos problemas relativos à comunidade na Internet, de forma que os governantes tenham acesso e assim criem soluções. O problema é que existem sim, formas de contribuir para a melhoria da comunidade, não apenas informando aos governantes e esperando de braços cruzados. Outro respondente sugere que sejam proporcionados mais cursos acessíveis à população carente e nas escolas públicas. A dificuldade do ensino de informática nas escolas públicas é a falta de preparação de professores para este fim e também de condições financeiras de adquirir os equipamentos e sua constante manutenção. Outra resposta que chamou a atenção foi a seguinte: “Como é uma

comunidade pobre, a informática qualifica mais nossos jovens e adultos para obterem um emprego melhor e com mais qualidade para enfrentar o mercado de trabalho. Gostaria que todos nós tivéssemos essa oportunidade de ter um computador em casa”. Outra ex-aluna, também bastante consciente da importância do saber informático, afirmou que as pessoas menos favorecidas podem ter contato com a informática através dos cursos do CDI e, além de se capacitarem para o mercado de trabalho, também aprendem a se informar e estudar através de Internet.

4.3 Ex-alunos idosos

Esta foi a faixa etária que menos se conseguiu contatar. Alguns haviam mudado de residência, outros não concluíram o curso por não se acharem capazes de aprender e alguns por motivos de saúde. No fim, apenas três idosos completaram o questionário, sendo dois homens e uma mulher.

Nenhum destes respondentes possuía mais que o ensino fundamental completo. Também nenhum deles voltou a estudar.

A dita “velhice”, é uma fase da vida em que não se evolui muito intelectualmente, não pela falta de capacidade, mas pelo modo como os idosos são vistos pela sociedade em geral. Nesta fase, segundo Bee (1997), o ritmo do declínio é afetado por diversos fatores, especialmente o exercício físico e mental. Afirma ainda que as habilidades que são deixadas de lado ou utilizadas com menor frequência evidenciam um declínio de suas capacidades de maneira mais acelerada.

Todos os idosos consideraram a curiosidade o motivo de sua procura pelo curso de informática, e a escolha por esta escola foi a tanto pela proximidade de suas residências como pelo baixo custo das mensalidades.

Estes respondentes são aposentados ou nunca trabalharam, como é o caso das mulheres. Apesar disso, o idoso do sexo masculino que respondeu ao questionário é aposentado, mas trabalha em casa com manutenção de eletrodomésticos para complementar a renda da família.

Dois dos três idosos possuem computador em sua casa, sendo que um deles possui acesso à Internet. Este utiliza o computador por cerca de dez horas por semana, e o outro diz utilizá-lo, em média, uma hora por dia. Nenhum informou as funções mais utilizadas.

O respondente desta faixa etária que não possui computador em casa disse que, após o curso, nada mudou em sua vida pelo fato de não possuir o equipamento. Mas as aulas foram importantes para ele ficar “[...] sabendo mais ou menos como é”.

Os que possuem computador disseram que tiram muito proveito do seu computador. Um deles citou sua experiência de forma bastante expressiva: “Tinha vergonha de não saber o que quase todo mundo sabia”. E, durante as aulas, esta mesma pessoa afirmou se sentir “[...] até mais jovem, e mais inteligente”. Certamente a auto-estima desta senhora aumentou bastante. Agora ela sente-se tão capaz como as outras pessoas que já operavam o computador. Interessante a colocação desta ex-aluna, porque ocorre muitas vezes de pessoas de mais idade terem o computador em casa, por causa de seus filhos ou netos, e não o utilizarem. O equipamento desperta curiosidade e, ao mesmo tempo, um certo complexo de inferioridade por não saberem operar. Muitos se apóiam na afirmação “eu odeio

computador”, quando na verdade pensam que não conseguirão aprender a manuseá-lo.

A Internet, segundo estes respondentes, é importante porque traz informação e conhecimento à sociedade e permite acesso rápido à informação. Uma das respondentes que possui computador, mas não possui acesso à Internet, disse que acharia ótimo ter acesso porque, segundo ela, a maioria das pessoas que tem computador tem Internet. Conforme o Mapa da Exclusão Digital (2003), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2001 - mostra que 12,46% da população brasileira dispõe de acesso a computador e 8,31% de Internet, mas possuir acesso não significa tê-lo em casa.

Apenas uma pessoa respondeu sobre o uso que se pode fazer da informática e/ou Internet para se descobrir soluções para problemas que envolvam a comunidade de Alvorada. Ela acha que a informática pode contribuir com a comunidade se forem oferecidos cursos mais atualizados e com preços mais acessíveis.

4.4 Análise das entrevistas com educadores e ex-educadores

Não houve nenhuma dificuldade durante esta etapa. Depois da realização do projeto para este trabalho, no verão de 2004, os educadores do projeto na SESP estudada foram substituídos, bem como o coordenador da EIC. Também foram inauguradas mais quatro escolas neste município, o que é bastante positivo.

Foram entrevistados dois educadores que não participam mais do projeto e três que iniciaram suas atividades este ano, totalizando cinco entrevistados. Todos são jovens entre 19 e 24 anos, sendo apenas um deles do sexo masculino.

O ingresso deles neste projeto foi sempre através de convite do presidente da instituição ou do coordenador do projeto. Interessante o fato de duas das entrevistadas terem sido também alunas do curso do CDI nesta escola. Estas possuem uma maior capacidade de entenderem o espírito do projeto pelo fato de já terem sido assistidas por ele.

A qualificação destes educadores foi feita de formas diferentes por terem sido realizadas em épocas diferentes. E, como já dito antes, este projeto está em constante modificação, de acordo com as experiências vivenciadas. O primeiro curso para educadores teve a participação de organizações ligadas à Parceiros Voluntários. As preparações para educadores das EIC's que se seguiram tiveram a direta participação do Laboratório de Estudos Cognitivos da UFRGS. As últimas, por sua vez, foram de responsabilidade da Microsoft, que preparou seus alunos nas dependências da PUCRS, com estagiários da empresa.

Dois educadores já tinham experiência em cursos de informática, embora em cursos basicamente técnicos. E todos eles, de alguma forma, já estavam ligados à Sociedade Espírita Simão Pedro antes do convite para atuarem na escola de informática, seja como voluntários em projetos sociais ou como atuantes do movimento espírita na organização.

Não é exigência do CDI que os educadores tenham experiência em informática. Exigem apenas o ensino médio completo e a maioridade civil. Mesmo assim, de maneira geral, todos os entrevistados já tinham conhecimentos em informática. Estes conhecimentos variam muito, desde os básicos até os avançados, que é o caso dos que já exerciam instrução em outras escolas de informática. Dois só possuíam conhecimentos adquiridos nesta mesma EIC - onde foram alunos - e outros continuam se aperfeiçoando até hoje.

Com relação à maneira como a qualificação dos educadores foi realizada, existem comentários diferentes. Mesmo porque, a impressão que se tem das coisas varia de acordo com a ótica de cada um, e esta preparação foi realmente diferente a cada ano, como já foi comentado. Durante a entrevista, todos afirmaram ter sido bastante positiva a qualificação que tiveram: “[...] todo mundo se ajudava, quando um não entendia o outro ajudava, explicava; todo mundo aprendeu junto”; “[...] ensinaram como lidar com as dificuldades que costumam aparecer [...]”. “[...] foram muito atenciosos com a gente, foram tranquilos, e o pessoal lá tem bastante conhecimento do que está fazendo”. Na última qualificação que foi realizada nas dependências da PUCRS este ano, faziam parte da turma, além destes três novos educadores, outras pessoas também de Alvorada que se preparavam para iniciar novos cursos em outras entidades, como associações de moradores, igrejas, etc.

Afirmaram sentirem-se melhor preparados para sua atuação como educadores após a qualificação. Uma das entrevistadas disse inclusive estar em contínua preparação com outros cursos e pretende ainda cursar faculdade de Informática. Outra educadora cursa faculdade de Pedagogia e afirmou que as aulas de informática estão auxiliando a pôr em prática seus conhecimentos em Didática. Uma aluna do primeiro curso de qualificação para educadores falou que se sentiu mais motivada, mas não mais segura. Segundo ela, os professores da parte técnica não se empenhavam muito por serem voluntários e a aprendizagem dependia mais do interesse de cada um em buscar informações da área. São, portanto, opiniões diferenciadas, que mostram a individualidade dos sujeitos.

Sobre o que acharam da proposta do CDI em mesclar as aulas de informática com noções de cidadania, as respostas foram bastante interessantes. Chamaram a atenção as seguintes: “[...] foi muito bom porque nem eu mesma nunca tinha tido

nenhum tipo de aula assim agregada à cidadania antes de entrar para o projeto do CDI como aluna, e aí depois no curso que fiz para educadora eu tive muita noção sobre isso e aprendi muita coisa [...]. Eu acho uma idéia excelente para as pessoas se integrarem mais à comunidade [...]”. Uma ex-educadora comentou que seus alunos não eram “[...] tão carentes assim”. Acontece que o curso é aberto à comunidade em geral, sem discriminação ou exigências. E esta respondente atuou no primeiro ano, quando a divulgação do projeto não havia sido tão intensa, atraindo assim pessoas de diferentes classes sociais.

Pediu-se que descrevessem na entrevista sua experiência como educadores do CDI. Os que já saíram do projeto afirmaram ter sido uma experiência muito boa, da qual jamais esquecerão. Entre as frases ditas, as mais significativas foram as seguintes: “[...] acho que saí com uma experiência ótima. Aprendi muita coisa boa”; “Foi uma experiência de vida maravilhosa. Até voltaria, gostaria de voltar a dar aulas pelo CDI”. Os que estão iniciando, têm opiniões igualmente positivas: “A experiência está sendo maravilhosa, porque tanto estou ensinando quanto estou aprendendo. [...] Estou descobrindo minha vocação na verdade. Eu achava que eram outras coisas, quando na verdade era informática”.

Este projeto, como se pode verificar através da entrevista com os educadores, é uma oportunidade que eles têm de se desenvolver profissionalmente e como pessoas.

Saber que fazem parte de um projeto que visa auxiliar pessoas que não têm muitas oportunidades na vida desenvolve o lado humanitário dos sujeitos e pode até mesmo inspirá-los para que sigam este caminho de auxílio ao próximo. Inclusive uma das ex-educadoras, ao sair desta escola, foi trabalhar em outro projeto de uma associação de Porto Alegre que educava jovens de rua e idosos em informática. Sua

experiência foi bastante diferente; disse precisar de muita paciência e carinho com os idosos, inclusive com paradas para alongamento, pela dificuldade que eles têm com suas articulações.

Sobre o que acham da oportunidade que estes cursos oferecem às pessoas socialmente excluídas, apareceram comentários bastante pertinentes, o que demonstra uma boa visão destes jovens a respeito da importância do trabalho que estão realizando: “[...] são nessas pessoas que a gente tem que apostar, tem que investir, são nestas pessoas que têm vontade de crescer, de evoluir, [...] essa vontade de aprender mas não ter condições. Eu acho muito bom que o CDI esteja olhando para estas pessoas, [...] estendendo a mão para elas, que precisam tanto”; “[...] dando oportunidade de elas entrarem no mercado de trabalho, com esse conhecimento tão importante, que é a informática”; “[...] também não foi aquela coisa dada de graça, porque normalmente o que é dado de graça infelizmente muitas pessoas não valorizam”; “acho que deveriam ampliar isso, colocar mais na mídia, porque pouca gente conhece”; “Acho muito importante, porque a maioria das pessoas que vêm até nós são pessoas que não têm condições de fazer um curso em outro local. [...] e nós aqui estamos dando o curso completo por um custo bem mais acessível”.

4.5 Análise da entrevista com a superintendente da Fundação Pensamento Digital

Para uma melhor compreensão sobre de que forma a entidade mantenedora deste projeto analisa os resultados obtidos até agora e seus planos para o futuro, foi entrevistada a pessoa responsável pela Fundação Pensamento Digital, a Sra. Marta

Voelcker, administradora de empresas com especialização em Gestão de Organizações do Terceiro Setor e mestranda em Psicologia Social.

Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com questões básicas, acrescidas de outras que surgiram no momento da coleta de dados.

Com respeito à significância deste projeto, a entrevistada afirmou possuir uma grande importância a diferentes públicos, tanto aos alunos como à instituição comunitária. Disse que o projeto trouxe a informática aos alunos de baixa renda e, além de prepará-los para o mercado de trabalho, tem servido como estímulo para voltarem a estudar. Declarou ainda que a produção de textos estimula a parte educacional dos sujeitos, melhorando o letramento e, ao mesmo tempo, promovendo a ideia da cidadania entre eles. À organização comunitária envolvida, diz que também é de grande importância a mobilização que se faz necessária na fase de implantação da EIC, no sentido de estimular a promoção do desenvolvimento destas comunidades de baixa renda.

A superintendente da instituição responsável pela implantação das EICs também apontou as características do projeto e no que ele se diferencia de outros. Expôs que o projeto tende a potencializar ações que as lideranças comunitárias já estão realizando. A implantação de uma EIC depende muito da vontade da instituição que irá abrigá-la no sentido de alocar o espaço e os móveis para a chegada dos equipamentos, bem como de oferecer a mão-de-obra. Outro diferencial seria a característica de ser oferecido um curso incomum, onde a informática não é aplicada pura e simplesmente. A entrevistada afirmou que este projeto “[...] traz a informática como um recurso para promover a reflexão”. Explicou, além disso, que a metodologia é baseada em Paulo Freire, que procura contextualizar o que se está ensinando. Segundo ela, “[...] a informática é muito própria pra isso, é um recurso

para organizar as informações, compartilhar informações, construir conhecimento [...]”. Ainda diz que é importante que os educadores trabalhem assuntos que motivem os educandos.

Os resultados percebidos pela Fundação Pensamento Digital foram através de comunicações informais, por não existir ainda nenhuma pesquisa a respeito disso. As notícias recebidas pela instituição foram de alguns alunos encaminhados para o mercado de trabalho, o fortalecimento das instituições que abrigam os cursos do CDI, além de sua maior valorização. Outrossim, foi percebido um grande reconhecimento da sociedade em geral pelo projeto, através de muitas doações que recebe, além da procura de estudantes universitários para a realização de trabalhos sobre o tema. Há ainda uma busca de órgãos governamentais solicitando orientação para a implantação de programas semelhantes. Além disso, a fundação soube de ex e atuais educadores que acabaram cursando uma faculdade, estimulados pelo seu trabalho nas EICs.

Indagada sobre as maiores dificuldades enfrentadas pelo projeto, a superintendente citou a sustentabilidade das escolas. A idéia é que elas sejam auto-sustentáveis, mas existem organizações que por lei não podem cobrar por este curso, ficando assim difícil contar com educadores voluntários que tenham compromisso em cumprir horários constantes, entre outras dificuldades. A idéia que a Fundação Pensamento Digital possui para minimizar este problema é utilizar os próprios educadores fixos destas organizações que trabalhem com creches, reforço escolar, etc., que já sejam remunerados por essas próprias instituições. Eles receberiam instrução para utilizarem a informática como um complemento às aulas ministradas.

Sobre a continuidade do projeto de inclusão digital, a entrevistada apresentou a preocupação que a entidade tem no momento com a qualificação das escolas já implantadas. Mais importante do que a quantidade de escolas funcionando, é a qualidade das mesmas. São 37 EICs cadastradas com o CDI em todo o Rio Grande do Sul, apesar de existirem algumas ociosas. Está prevista uma reestruturação, onde as escolas que não estão aplicando a metodologia indicada serão descredenciadas do projeto.

Com relação à escolha do município de Alvorada para abrigar uma das primeiras EICs do Rio Grande do Sul, a respondente afirmou ter sido uma solicitação da empresa patrocinadora Dell Brasil. A indústria de computadores já estava comprometida com este Município pelo fato de estar sendo implantada neste local. A Sociedade Espírita Simão Pedro foi então a primeira entidade a ser beneficiada com computadores novos doados pela Dell.

5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

A seguir, serão apresentadas as conclusões a que se chegou com este estudo. Da mesma forma, serão propostas alternativas que podem vir a contribuir com a qualificação do projeto, tanto no âmbito geral ou com relação à EIC estudada. Este texto foi elaborado como base nas análises das informações obtidas.

Com relação à satisfação dos alunos formados pela EIC da Sociedade Espírita Simão Pedro, se observou ter sido uma etapa importante na vida dos atores participantes do estudo. Isso ocorreu principalmente entre os mais jovens, que puderam aplicar os conhecimentos adquiridos com maior sucesso. Viu-se que quase a totalidade dos respondentes da pesquisa mantém de alguma forma um contato com a Internet, seja na casa de amigos, na escola, faculdade ou trabalho. Não foi possível, com este estudo, e nem era esse o propósito, verificar a qualidade com que estes ex-alunos utilizam a informática e/ou Internet, se conseguem tirar o melhor proveito possível do que ela pode oferecer. Ainda sobre isso, vimos que, de forma geral, as pessoas sabem da importância que a Internet possui em nossas vidas. Todas as faixas etárias estudadas consideraram a Internet uma ferramenta de muita importância e que pode auxiliar de muitas maneiras a melhorar a vida das pessoas, pelo seu amplo acesso às mais variadas informações.

Infelizmente, grande parte dos adultos que responderam ao questionário não possuem acesso a computador, o que acaba fazendo com que percam muito do que aprenderam ao longo do curso. Sabe-se que o que não se põe em prática, logo se esquece.

As mudanças observadas após a alfabetização digital foram, em diversos casos, bastante positivas. Além de ter facilitado na conquista de um emprego,

observou-se que também fez com que a auto-estima de muitos melhorasse, de forma a estarem agora se sentindo parte da sociedade alfabetizada digitalmente.

Boa parte dos ex-alunos demonstrou ter consciência do papel das novas tecnologias e da importância que a informática traz à comunidade. Acham que todos deveriam ter acesso a cursos acessíveis como este, além da Internet, que, segundo eles, abre um novo mundo.

Dos alunos adolescentes participantes da pesquisa, nenhum parou seus estudos durante o curso e todos concluíram ou estão concluindo o ensino médio. Entre os adultos, alguns inclusive iniciaram uma faculdade mas acabaram trancando suas matrículas por diversas dificuldades. Nem por isso cogitam em não continuar um dia. Outros já possuíam uma vida profissional estável, mas decidiram realizar o curso de informática para ampliar seus conhecimentos ou na esperança de adquirirem um computador pessoal. Entre os idosos, estavam os de mais baixa escolaridade e os que menos tiveram suas vidas transformadas em função do curso realizado. Pode-se imaginar que isso se deu justamente pela cultura existente na nossa sociedade, onde os idosos não mais trabalham nem estudam. Mas o fato de terem realizado um curso de informática já é bastante positivo, no sentido em que estariam desta forma desenvolvendo suas capacidades cognitivas, mesmo na fase da vida em que a maioria destas pessoas se acomoda mentalmente.

Os educadores (atuais e antigos) foram, da mesma forma, transformados tanto exteriormente quanto interiormente por participarem deste projeto. Alguns participaram já como alunos e voltaram como educadores. Outros, desejam voltar a trabalhar no projeto, mas todos guardam ótimas recordações do tempo em que foram educadores, e da mesma forma, os que atualmente são educadores estão bastante satisfeitos. Alguns educadores sentem que descobriram sua vocação por

informática ou educação, participando do projeto. Os que não estão cursando uma faculdade pretendem fazê-la em breve. A participação no projeto pode não ter sido a única causa que os incentivou a isso, mas certamente contribuiu, em diferentes níveis, dependendo da construção íntima de cada um.

Não há dúvidas de que a informática tende a cada vez mais fazer parte da vida das pessoas nas mais diversas atividades. Por isso, saber lidar com essas tecnologias é cada vez mais importante.

Por conseguinte, não deveria haver o rompimento dos laços dos ex-alunos com a EIC da qual fizeram parte. Sabemos que essa decisão faz parte da política de cada instituição que abriga os cursos, mas deveria ser pensada uma forma de manter estes alunos em contato com a informática, mesmo que por algumas horas semanais.

Esta iniciativa de inclusão social, a partir da inclusão digital, que surgiu de um sonho do idealizador Rodrigo Baggio, e hoje é modelo para o mundo todo, faz com que ainda se tenha esperança em meio a tanta miséria, fome e ignorância. O que mais se destaca neste projeto é a participação ativa da comunidade beneficiária, que se torna a administradora da EIC. Vê-se, assim, a suma importância da participação da população, sendo protagonista na construção da sua trilha para fora da miséria.

Por fim, na opinião da autora deste estudo, o projeto deve continuar a ser desenvolvido. Mesmo que sofra algumas modificações que venham a solucionar eventuais problemas, ele está atendendo aos objetivos aos quais se propõe.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, Sociedade e Cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 155-167, maio/ago. 1999.

BAGGIO, Rodrigo. A sociedade da informação e a infoexclusão. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 16-21, maio/ago. 2000.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Organizado por Tadao Takahashi. Brasília: MCI, 2000.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação; REDE DE INFORMAÇÃO PARA O TERCEIRO SETOR – RITS; SAMPA.ORG. **Relatório da II Oficina de Inclusão Digital**. OFICINA DE INCLUSÃO DIGITAL, 2., 2003, Brasília, DF.

BRASIL. Presidência da República. Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da Informação**: ciência e tecnologia para a construção da Sociedade da Informação no Brasil: bases para o Brasil na Sociedade da Informação: conceitos, fundamentos e universo político da indústria e serviços de conteúdo. São Paulo: Instituto UNIEMP, 1998.

COMITÊ PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA. **Perfil Institucional**. Rio de Janeiro: CDI, 2004. Disponível em: <[http://www.cdi.org.br/docs/Perfil CDI - Português 2004.zip](http://www.cdi.org.br/docs/Perfil%20CDI%20Portugu%C3%AAs%202004.zip)>. Acesso em 25 jan. 2004.

CRUZ, Renato. **O que as empresas podem fazer pela inclusão digital**. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.

CUNHA FILHO, Paulo C.; PINTO, Rômulo César. Modelos de Cidadania Digital: hipermídia e democracia na Sociedade da Informação. **Ícone**, Recife: UFPE, n. 4, p. 43-61, ago. 1999.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FUNDAÇÃO DA SESP: irmão Adelino nos conta como tudo começou. **Nova Era** – jornal da Sociedade Espírita Simão Pedro, Alvorada, v. 1, n. 5, p. 2, nov./dez. 2003.

FUNDAÇÃO PENSAMENTO DIGITAL. **Apres FPD.ppt**. Porto Alegre, 2003. 15 slides. 123 KB. Microsoft Power Point. In: SILVEIRA, Sabrina. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <caroline.borba@brde.com.br> em 23 out. 2003.

FUNDAÇÃO PENSAMENTO DIGITAL. **Comitê Para Democratização da Informática – CDI – RS**. Porto Alegre, [2003]. Folder institucional.

FUNDAÇÃO PENSAMENTO DIGITAL. **Escolas de Informática e Cidadania**. Porto Alegre, [2003]. Disponível em: <<http://www.pensamentodigital.org.br>>. Acesso em 27 nov. 2003.

FUNDAÇÃO PENSAMENTO DIGITAL. **Fundação Pensamento Digital**. Porto Alegre, [2003]. Folder institucional.

GUERREIRO, Evandro Prestes. **A Inclusão Digital Como Desafio da Educação na Sociedade da Informação**. [s.l.]: Bibliotecário Virtual, [2002?]. Disponível em: <<http://www.bibliotecariovirtual.com/articles/data/inclusao.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2004.

IBOPE. 16ª Internet POP revela que percentual de brasileiros que acessam a Internet chega a 28%. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br>>. Acesso em: 19 jun. 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. As Tecnologias da Informação e a Exclusão Digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2002, Fortaleza, CE. **Anais...** Fortaleza, CE, 2002. 1 CD.

MARTELETO, Regina Maria; RIBEIRO, Leila Beatriz. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Revista Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 11, n. 1, jan./jun. 2001.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). **Mapa da exclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV, IBRE, CPS, 2003.

PAIVA, Fabiana. Democratização da Informação ou Inclusão Digital? **I-Coletiva**, [s.l.], nov. 2003. Disponível em: <<http://www.icoletiva.com.br/secao.asp?tipo=artigos&id=45>>. Acesso em 21 nov. 2003.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Sociedade da informação no Brasil: desafio de tornar a Internet de todos para todos. **ECA, USP**, São Paulo, 2002. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/alaic/material congresso 2002/congBolivia2002/trabalhos completos Bolivia 2002, GT 18 cecilia](http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002,%20GT%2018%20cecilia)>. Acesso em: 25 jan. 2004.

ROCHA, Marisa Perrone Campos. A Questão Cidadania na Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 40-45, jan./abr. 2000.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão Digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília, DF: Unesco, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta anexa ao questionário

FUNDAÇÃO PENSAMENTO DIGITAL
COMITÊ DE DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA
ESCOLA DE INFORMÁTICA E CIDADANIA

Porto Alegre, 20 de abril de 2004.

Prezado(a) ex-aluno(a):

Estamos procedendo uma avaliação do Projeto de Inclusão Digital do Comitê de Democratização da Informática – CDI através da opinião dos ex-alunos dos cursos ministrados.

Seu nome foi escolhido para participar da avaliação. Para tanto, estamos enviando um questionário em anexo que deverá ser respondido até o dia, quando será recolhido em sua casa.

Solicitamos sua colaboração preenchendo e devolvendo dentro do prazo estipulado. Salientamos que os nomes dos participantes serão preservados, só sendo utilizadas suas respostas.

Agradecemos sua participação e colocamo-nos à sua disposição para qualquer esclarecimento ou dúvida pelo telefone 483-5304.

Atenciosamente,

Caroline Camargo Borba

APÊNDICE B – Questionário enviado aos ex-alunos



QUESTIONÁRIO

Prezado(a) ex-aluno(a):

Solicitamos o preenchimento das questões abaixo o **mais detalhado possível**, de acordo com sua situação. **Não se identifique.**

- 1- Antes do curso, qual era o seu nível de **escolaridade**?

- 2- Se não estudava, voltou a estudar durante ou depois do curso? Em qual nível de escolaridade encontra-se agora?

- 3- Já tinha algum emprego ou trabalho **antes** do curso de informática? Em caso positivo, qual? Onde?

- 4- O que o levou a fazer um **curso de informática**?

- 5- O que o atraiu neste curso **especificamente**?

- 6- Está trabalhando **agora**?

- 7- Em caso positivo, onde e em que função? O curso de informática contribuiu para a obtenção deste emprego ou trabalho?

- 8- Seu **salário** se modificou (aumentou ou diminuiu) depois do curso?

- 9- Se seu salário se modificou, a que você atribui esta **mudança**?

- 10- Tem acesso a computador? Onde (no serviço, em casa, outro lugar, qual)?

11- Quantas **horas** em média você utiliza o computador por semana nos seguintes locais?

No serviço: Em casa: Em outro lugar:

12- Utiliza a Internet?

No serviço: Em casa: Em outro lugar:

13- Em caso positivo, quais as **funções** mais utilizadas?

No serviço:

Em casa:

Em outro lugar:

14- As aulas de informática proporcionadas pelo CDI foram **importantes** para você?
Por quê?

15- O que você acha que modificou **em sua vida** após freqüentar as aulas de informática?

16- Você fez algum **outro** curso ou treinamento relacionado à informática depois deste? Qual? Onde? O que aprendeu a mais?

17- Você acha que o acesso à Internet é importante **para você particularmente e para a sociedade em geral**? De que forma?

18- Como você acha que podemos utilizar a informática e/ou Internet para auxiliar a resolver **problemas relacionados à comunidade de Alvorada**?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista aplicada aos ex e atuais educadores



Educadores – entrevista semi-estruturada (gravada)

- 1- Como foi o seu ingresso neste projeto?
- 2- Como foi feita a sua qualificação como educador?
- 3- Que conhecimentos de informática você tinha antes de sua qualificação?
- 4- Como foi sua qualificação em termos de motivação, aprendizagem, relacionamento com o professor, com os colegas, etc?
- 5- Você sentiu-se melhor preparado para ministrar as aulas de informática após esta qualificação?
- 6- O que você achou da proposta do CDI de mesclar as aulas de informática com noções de cidadania?
- 7- Como você descreve sua experiência no CDI?
- 8- Se você já saiu deste projeto, encontra-se em posição profissional melhor? O que melhorou?
- 9- Como você vê a iniciativa do CDI de proporcionar este acesso à população socialmente excluída?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista aplicada à superintendente da Fundação Pensamento Digital



Superintendente da Fundação Pensamento Digital

Entrevista semi-estruturada (gravada)

- 1 - Qual é a importância do projeto Escola de Informática e Cidadania?
- 2 - Quais as características do projeto e em que ele se diferencia de outros?
- 3 - Que resultados do projeto no estado tu já podes perceber?
- 4 - Que problemas tens visto na implantação do projeto?
- 5 - Quanto à continuidade deste projeto, o que é pensado?
- 6 - Como e quando se pensou em implantar a EIC em Alvorada?
- 7 - Quantas escolas foram implantadas em Alvorada até hoje?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitora: Prof^a Wrana Maria Panizzi

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Diretora: Prof^a Márcia B. Machado

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Chefe: Prof^o Valdir Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO
Prof^a Iara B. Neves

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705 Bairro Santana
CEP 90035-007 Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3316-5146
Fax: (51) 3330-6635
E-mail: fabico@vortex.ufrgs.br

B726p

Borba, Caroline Camargo.

Projeto de inclusão digital do Comitê para Democratização da Informática – CDI em Alvorada/ RS: estudo avaliativo / Caroline Camargo Borba; orientado [por] Ida Regina Stumpf. – Porto Alegre: UFRGS/FABICO/Departamento de Ciências da Informação, 2004. 63 f.

1. Inclusão Digital 4. Sociedade da Informação 5. Comitê para Democratização da Informática - CDI I. Título II. Stumpf, Ida Regina

